

CRESCER É PERIGOSO! - Breve Conto

Robert Portoquá

CRESCER É PERIGOSO!

Bentinho foi um dos primeiros moradores da vila. Quando sua família mudou-se para lá, além de sua casa havia apenas mais quatro ou cinco. As recordações que ora me vêm datam de nossos sete anos de idade até os...

Bem vou contar aqui nossa história e haverá momentos que terei que introduzir trechos inventados por mim porque minha memória certamente, não me será tão fiel, além de a vida nem sempre ser tão interessante quanto o que se imagina dela.

- Nossa vila era formada por quatro ruas, minha casa ficava na rua central, a rua das Pitangueiras, que saía da principal rua do bairro e terminava na rua dos Coqueiros onde morava o Bentinho, formando um T. O final desta rua, pelo lado direito, fazia esquina com uma rua sem saída que terminava no quintal de uma casa cujo terreno tinha um enorme pomar onde goiabeiras, mangueiras, ameixeiras, limeiras, amoreiras, touceiras de canas de açúcar, etc. adoçavam, de acordo com a época do ano nossa, infância de moleques da periferia. Ao longo desta mesma rua pelo seu lado direito havia um enorme barranco que limitava nossa vila. Lá em baixo víamos a principal rua do bairro ao lado e uma enorme fazenda onde costumávamos ir buscar nossas pipas, quando as perdíamos para cortantes melhores que os nossos, outra coisa que gostávamos de fazer era ficarmos sentados à beira do barranco contando os carros que passavam lá embaixo, meu amigo Bentinho sempre ganhava, pois escolhia os fuscas, enquanto que para mim sobravam as Brasília's ou as kombis.

Nas manhãs úmidas pelo sereno da noite, após devorar a metade de uma bengala com manteiga e um copo cheio de café preto, saía e encontrava-me com meu melhor amigo. Portando nossos estilingues corríamos ao pomar. Ali costumávamos nos lambuzar com

todas as frutas da estação e depois de uma preguiçosa conversa à sombra do abacateiro, resolvíamos ir caçar passarinhos. Então se iniciava a mesma discussão de sempre:

- Vamos matar umas rolinhas, dizia eu, no que respondia o Bentinho: - De jeito nenhum, ta doidão? Uma pedrada de estilingue e você acaba com o passarinho, temos que pegá-lo vivo; vamos fazer uma arapuca.

Na verdade eu concordava com meu amigo, porém o fato é que eu nunca fui muito bom em construir arapucas e também não tinha muita paciência de esperar o bicho cair ali, isso quando caía; além do que na maioria das vezes, ou melhor, sempre soltávamos nossas presas. Não tínhamos coragem de fazer nenhuma maldade com os bichinhos.

- Orra meu! Pega uns paus mais redondinhos, estes estão muito tortos e cheios de nós. - Bentinho sempre foi exigente – Depois o bichinho foge por entre os vãos e você fica aí reclamando...

- Estes estão bons? Acho que deve ter pra mais de vinte e todos bem roliços.

- Tudo bem! Respondia ele e emendava: - Trás o barbante pra montarmos nossa arapuca. Depois da aula encontrávamos novamente e íamos correndo verificar nossa armadilha. Inacreditavelmente daquela vez pegamos um coleirinha, foi uma festa, pois era uma raridade. Seria assunto para o resto do mês, mas não teve jeito, na primeira noite encontrei meu amigo junto à gaiola.

- O que você está fazendo?

- Você sabe, e não fica me olhando com esta cara, me ajude a soltá-lo, vamos... – Lá se foi nosso coleirinha... – Passarinho nasceu para voar alto, não é mesmo Bentinho? E caíamos na gargalhada.

Uma infância cheia de aventuras a nossa, pena que o tempo passa...

- Olá Bentinho, vamos descer juntos para a escola?

- Hoje não vai dar, vou resolver uma parada com uns manos.

Já fazia um tempo que meu amigo se envolvia com uns caras barra pesada lá da escola. Eu tentava de tudo para trazê-lo de volta para nossa turma, mas era em vão. O dia que descobri que ele estava usando drogas, chamei-o de lado e tive com ele uma longa conversa: Falei de nossa infância juntos, de como era legal nossa amizade e de que ele estava jogando tudo isto fora ao se envolver com aqueles caras. – Que nada meu. Você está com inveja, ou pior está com ciúme. Sabe que as minas vivem no meu pé

enquanto você só tem aquele bando de babacas... – Eu percebi que o Bentinho estava tão chapado, que não adiantava discutir com ele naquelas condições. – Tudo bem meu. Desculpe me intrometer, amanhã agente se fala. – Faça o seguinte mano, estou em outra e nessa você está fora. Esqueça-me.

Voltei para casa abatido e tive pesadelos horríveis àquela noite. No dia seguinte, ao chegar à escola, encontrei o maior reboiço junto ao portão de entrada.

- Ele tinha apenas treze anos, era uma criança – Gritava desesperada uma mulher. – Eles o mataram. Assassinos, assassinos!

Eu não quis acreditar, quando ela envolveu-me em seus braços e se pôs a soluçar e chorar como uma criança perdida.

Era a mãe de Bentinho. Ela me abraçou tão forte que eu sentia dificuldade de caminhar, enquanto voltamos para sua casa.

Obra original disponível em:

<http://www.overmundo.com.br/banco/crescer-e-perigoso-breve-conto>